



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de inauguração do Aeroporto de Bonito**

Bonito-MS, 02 de abril de 2004

Meu querido companheiro Zeca do PT, governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,
Senhor Egon Krakhecke, vice-governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu companheiro Geraldo Marques, prefeito de Bonito,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Meu caro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu querido companheiro Marcus Barros, presidente do Ibama,

Meus caros senadores Ramez Tebet e Cid Amaral,

Meus companheiros deputado federal João Grandão, Wander Loubet,
Antônio Carlos Biffi e Antônio Cruz,

Meus queridos companheiros deputados estaduais desta região,

Vereadores,

Prefeitos,

Minha querida companheira Marisa,

E minha querida companheira Dona Gilda, esposa do Zeca,

Meus companheiros e companheiras de Bonito do Mato Grosso e de todas as cidades que o Zeca citou aqui – Mato Grosso do Sul, e logo, vamos parar com essa confusão porque, quem sabe, um dia, vocês transformem isso aqui no estado do Pantanal e a gente possa vender, com mais facilidade o turismo do Pantanal, lá fora,



Meu companheiro Nunes Félix, que está aqui, no meio de tanta gente – tudo bem, Nunes? Uma alegria te ver aqui, rapaz! Quem não se lembra, quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, o Nunes era o companheiro que fazia o jornalzinho do Sindicato, e foi o companheiro que mentalizou e criou, para nós, as Cartas do João Ferrador, que tanto sucesso fizeram nos anos 70, no nosso país,

Estou vendo, aqui, o companheiro Samba, nosso companheiro de Ponta Grossa, agora filiado ao PTB,

Meus companheiros da imprensa,

Quero dizer uma coisa para vocês: o companheiro Zeca se referia, aqui, muitas vezes, às distorções de comportamento que existem em algumas pessoas. Eu queria lembrar ao Zeca que, como eu viajo muito pelo Brasil, eu posso ser testemunha, Zeca, de que dois governadores que não eram do PSDB – você e o Jorge Viana, do estado do Acre – possivelmente tenham sido os governadores que mais respeitaram a relação com o poder central. Em todas as propagandas eu via que vocês colocavam, lá: “Essa é uma parceria do governo do estado com o governo federal”.

E me eu lembro que, em outubro, quando eu visitei o presidente Fernando Henrique Cardoso, comentei com ele. E ele me dizia: “Lula, isso a gente não tem controle. Você faz as casas numa cidade e, quando você vê, a casa foi inaugurada, não é nem citado o nome da Caixa Econômica Federal, não é citado o nome de nada. Ou seja, o prefeito, às vezes, faz o discurso como se fosse dele. Você repassa dinheiro para a saúde, dinheiro para a educação...”

E eu acho que não é para fazer propaganda de ninguém, não. É apenas para que o povo saiba a tarefa que cada um está cumprindo. É apenas uma questão de honestidade, de procedimento. E eu, Zeca, aprendi a ter paciência com essas coisas. Eu disse, agora há pouco, lá em Três Lagoas, que ex-



governante é igual a ex-marido, porque o cidadão se separa da mulher, a mulher pode arrumar um outro namorado e casar, e ele fica torcendo para não dar certo o casamento da mulher: “Tomara que ela quebre a cara. Tomara que não dê certo”.

Então, ex-governante é assim. Eles ficam sempre torcendo para que o que o que entrou depois dele não consiga fazer mais do que ele. Então, Zeca, a gente tem que ter só paciência, porque você disse uma coisa aqui que é verdadeira: quando chegar ao final do mandato, você vai fazer comparações. E, aí, você vai poder medir quem fez o quê no nosso país.

Nesta semana, os dois senadores que estão aqui precisam saber o seguinte: no dia 6 de fevereiro, eu decidi que o presidente do Banco Central deveria ir ao Senado fazer um debate. E decidi também que era importante que fossem ele e o ministro da Fazenda à Câmara, se expor ao debate, deixar os deputados, aqueles que fazem oposição, fazerem as perguntas que quiserem. Não tem nenhum problema. Eu não tenho dúvida de que todos os números da macroeconomia são infinitamente melhores agora do que eram em dezembro de 2002. Não tenho dúvida nenhuma. Então, nós iremos fazer debates em qualquer lugar, até porque não temos vergonha nem medo de dizer: aquilo que não fizemos ainda é porque não pudemos e porque não chegou o tempo de fazer.

Mas, aqui, estamos vivenciando um pouco isso. No Brasil, vocês sempre ouviram falar, o turismo é uma grande fonte de geração de empregos, riquezas e divisas para um país. Sempre ouviram falar isso. Desde o tempo dos governos militares, vocês ouvem falar que o turismo é isso, que o turismo é aquilo. Entretanto, nós não tínhamos um ministério para cuidar do turismo. O máximo que a gente tinha era um ministério de esporte e turismo, como se fosse a mesma coisa, como se o mesmo cidadão especialista em cuidar do esporte fosse o mesmo cidadão especialista em cuidar do turismo.

Ora, quando estávamos em campanha ainda, eu assumi, publicamente,



que, como o turismo é uma das principais fontes de geração de riqueza, de empregos e de renda para as pessoas deste país, nós teríamos que dar seriedade à questão do turismo.

E a primeira coisa que fizemos foi separar os assuntos, criando um ministério do Turismo e um ministério de Esportes. São duas coisas distintas. Vamos chamar duas pessoas competentes. E eu dei a sorte de o PTB me dar de presente o nosso companheiro Walfrido Mares Guia, que é um ministro excepcional e trata do turismo com uma paixão que acho que foi a mesma paixão com que ele tratou dos filhos dele. Toda hora que este homem fala do turismo, fala com uma paixão tão grande, que eu não tenho nenhuma dúvida de que vamos atingir as metas estabelecidas pelo Governo, pelo Conselho de Turismo e pelos companheiros do ministério, porque duvido que na História do Brasil o setor de turismo tenha tido a equipe que esse companheiro montou no ministério do Turismo. Ou seja, é gente da melhor qualidade, mas, muito mais do que competência técnica e profissional, são pessoas que acreditam naquilo que fazem.

E o fato de estarmos inaugurando este aeroporto hoje é a concretização de cada palavra, porque se a gente acha que uma região como esta não pode ser destruída, não pode ser desmantelada, que não podem vir para cá empresas poluidoras, para causar poluição a uma região que é um patrimônio da humanidade, a contrapartida para a gente exigir a preservação é investir em coisas que possam gerar desenvolvimento, riqueza e não poluição.

E não precisa muita gente para tomar conta disso, não. Aqui está o meu companheiro do Ibama, que foi comigo e também outros companheiros, inaugurar, lá em Três Lagoas, a termelétrica. Porque alguém fala: “não, mas isso aqui está poluindo, porque isso aqui... Não pode passar avião aqui, porque vai acontecer uma coisa, vai estressar não-sei-o-quê...” Então eu trouxe logo o Ibama, porque o Ibama, para dar licença para alguma coisa, só se estiver 100% certo.



E por que eu digo isso? Eu tenho a certeza de que este aeroporto, ao invés de prejudicar, vai dar a Bonito não apenas dimensão às belezas naturais que Deus deu a esta região, mas vai dar a possibilidade de moças e rapazes, homens e mulheres poderem trabalhar dignamente e viver às custas de seus salários.

E digo mais, companheiro Zeca: essas pessoas que moram em Bonito sabem que a riqueza que esta região pode promover deve-se à capacidade que o povo tiver de garantir a preservação desta área. Na hora em que o povo descobrir que é das belezas naturais que ele está sobrevivendo, ele vai dizer ao Ibama: “Pode deixar que nós saberemos cuidar do nosso pedaço”. Isto vai ser tratado como uma dona-de-casa trata o quarto dela ou a cozinha, ou seja, vai ser limpo, para que todo mundo, quando chegar, perceba que Bonito não é bonito apenas no nome, Bonito é bonito porque o povo de Bonito quer que isto aqui continue sendo patrimônio da humanidade e quer que isto aqui seja a grande fonte geradora de riquezas para a cidade de Bonito, para a região e para o estado do Mato Grosso do Sul.

Por isso estou aqui, hoje, na inauguração deste aeroporto. É para, simbolicamente, dizer para o povo do estado do Mato Grosso do Sul e para o meu companheiro Zeca, para a dona Gilda e para o povo de Bonito que nós saímos das palavras para fazer as coisas práticas acontecerem. Este aeroporto deixou de ser uma promessa. Este aeroporto é uma realidade.

E, certamente, vocês podem se preparar – eu sei que já tem muitos leitos aqui, em hotéis – mas podem se preparar que vai vir mais gente e Deus queira que vocês sejam obrigados a construir mais hotéis, mais pousadas e que cada vez mais haja uma combinação entre o crescimento econômico e a preservação ambiental, porque é disso que precisamos para o Brasil ser mais respeitado no mundo.

Uma outra coisa importante, meu companheiro Zeca, que é importante dizer aqui: nós, hoje, tivemos a alegria de saber que, finalmente, a ferrovia que



liga Santos a Corumbá vai, se Deus quiser, voltar a funcionar, até o final do ano. Essa é uma reivindicação antiga, é uma estrada antiga que atravessa o Brasil, Bolívia, Argentina e vai até o porto de Antofagasta, no Chile. Nós já conversamos com os presidentes de cada país para que eles analisem corretamente as condições da ferrovia dentro dos seus países, para que possamos fazer a integração bioceânica, para que possamos fazer a ligação Atlântico-Pacífico, para que os nossos produtores possam fazer com que as suas cargas cheguem do outro lado e no outro oceano, para que a gente economize praticamente 7 mil quilômetros de distância nas nossas exportações.

Mas, ao mesmo tempo, eu dizia ao companheiro Zeca que assinei dois decretos, hoje, declarando de interesse social para fins de reforma agrária duas fazendas – me parece que a fazenda Vista Alegre, no município de Angélica, e também a fazenda Bela Manhã, que nós vamos desapropriar para efeito de reforma agrária, porque nós vamos fazer a reforma agrária – e eu tenho dito, todo santo dia – por uma questão de justiça, porque eu entendo que a reforma agrária é uma forma de fazer justiça social neste país.

Agora, eu tenho dito também que a reforma agrária será feita tranqüilamente, pacificamente. As terras produtivas serão respeitadas, porque este país tem muita terra para a gente fazer reforma agrária. E, muitas vezes, palavras, mesmo, às vezes tiradas fora de um contexto, seja de trabalhadores, seja de empresários radicalizando o processo não ajudam, porque está cheio de gente neste país que ainda não se acostumou a conviver com a democracia, ainda não se acostumou a conviver com mais justiça social e ainda não se acostumou a conviver com coisas que precisam ser feitas aqui, porque já foram feitas em outros países, anos atrás.

Portanto, ninguém precisa ter medo da reforma agrária, ninguém precisa ter medo da priorização que nós damos à questão da agricultura familiar, porque achamos que a agricultura familiar não é antagônica à agricultura



empresarial. Pelo contrário, o Governo também tem que incentivar a agricultura empresarial, porque nós estamos batendo recorde atrás de recorde, nas nossas exportações. E é graças ao agronegócio que nós estamos batendo recorde, esse mês, de exportação. E vamos continuar, Zeca, com a mesma tranqüilidade.

A companheira Dilma, que é ministra de Minas e Energia, sabe o que que nós temos que fazer para desenvolver o país na questão energética. Nós tínhamos 35 hidroelétricas paradas e, desde 2001 nós já retomamos 17, faltam 18, que estão sendo avaliadas pelos ministérios de Minas e Energia e Meio Ambiente, Ibama e Ministério Público. Vamos tocá-las para a frente.

Vamos fazer os gasodutos que a Petrobrás precisa fazer, para levar gás para outra região do país. E, quando chegar no final do meu mandato eu quero, com a mesma tranqüilidade, pegar o que cada Governo fez nesses últimos anos, no Brasil, e fazer uma comparação.

Vocês sabem que aqui, no Brasil, nós temos um programa chamado Vale-Gás que dá 7 reais para as pessoas. Nós temos outros programas. A média de todos os programas que temos no Brasil dava, em média, 22 reais para quem recebia – era a média. Nós juntamos tudo isso no programa Bolsa Família, colocando o cartão do programa Fome Zero.

Hoje, estamos com apenas um ano e três meses de Governo, e já no dia 31 de dezembro do ano passado atingimos a marca de 3 bilhões, 615 mil famílias recebendo do Bolsa Família, não 22 reais, mas 73, em média, por cada família.

Até o mês de julho, Zeca, vamos chegar a mais 901 mil famílias. Até dezembro, vamos chegar a 6 milhões de famílias. E, até dezembro de 2006, quando termina o meu mandato, nós vamos chegar a 11 milhões de famílias, que é o nosso compromisso histórico de colocar no Bolsa Família todas as pessoas que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha da pobreza, neste país.

Da mesma forma, a nossa prioridade não é inventar obra. Inventa-se



obra em um governo que quer praticar corrupção. Um governo sério não deixa uma obra parada muito tempo.

Nós, então, tomamos uma decisão: ao invés de inventar um novo projeto, nós vamos pegar todas as obras que já foram começadas e que estão paralisadas há muitos anos; nós vamos tentar acabar com essas obras para que o Brasil deixe de ser o “paraíso das obras inacabadas” como, de vez em quando, mostra a televisão brasileira.

Nós temos consciência das possibilidades do Brasil. Estou, hoje, Zeca, mais otimista do que estava ontem. E, decerto, amanhã estarei mais otimista do que estava hoje. Por quê? Porque é irreversível o crescimento da economia neste país. Nós vamos crescer neste ano, vamos crescer mais no ano que vem, e vamos crescer mais no outro ano. Sabe por quê? Porque não inventamos um “plano Lula”, como se inventou, neste Brasil, tantos planos. O nosso plano, o que é? Chama-se credibilidade, honradez, chama-se pactuação com os segmentos organizados da sociedade.

Eu quero governar todos os meus dias, Zeca. E quero deixar o Governo podendo olhar na cara de cada interlocutor e dizer: “Apesar de tudo, fizemos mais do que muita gente fez, ao longo de 500 anos da História do nosso país”.

Muito obrigado. Parabéns a Bonito. Parabéns ao Mato Grosso do Sul. E parabéns ao Brasil.